

Diversão & Arte

cultura.df@dabr.com.br

3214-1178/3214-1179

Editor: José Carlos Vieira

josecarlos.df@dabr.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sábado, 31 de janeiro de 2026

EVENTO NO CCBB
PROMOVE OFICINAS
DE MEME E
REFLEXÃO SOBRE O
HUMOR COM
BATE-PAPO COM
CONVIDADOS COMO
MARCELO TAS E A
BAIANA DO
MALFEITONA



Malfeitora,
produtora de
conteúdo

Viktor
Chagas,
pesquisador



Meme: no
Brasil da
memeficação

MEME

» NAHIMA MACIEL

A criatividade do brasileiro para a criação de memes é notável, mas a raiz dessa particularidade não está apenas na facilidade e rapidez proporcionadas pela internet e, sim, na maneira como o humor ocupa espaço na vida nacional. É para falar e refletir exatamente sobre essas particularidades que o evento Memefolia traz para o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), a partir de hoje, um time de convidados que pensam, fazem e estudam os memes no Brasil. A série de bate-papos vai reunir nomes como o roteirista e apresentador Marcelo Tas, o pesquisador Victor Chagas, a influenciadora e tatuadora Malfeitora, a artista Pamela Anderson, a comediante Raquel Leal e os curadores Clarissa Diniz e Ismael Monticelli, idealizadores da exposição *MEME: no Brasil da memeficação*, em cartaz no CCBB.

Temas como os limites do humor e seu lugar na cultura digital, a preservação da memória coletiva, as relações entre o riso e a política e o papel da produtividade, da autoajuda e da meritocracia no mundo das redes sociais serão discutidos pelos convidados em encontros gratuitos até 7 de fevereiro. É uma oportunidade de revisitar a história do humor brasileiro e de refletir sobre uma linguagem especialmente amada por parte dos brasileiros. "O brasileiro ama um meme porque ama tecnologia", acredita o roteirista e humorista Marcelo Tas, apresentador do programa *Provoca*, na TV Cultura.

Tas criou, nos anos 1980, o repórter Ernesto Varella, que não tinha medo de fazer perguntas difíceis nos corredores do Congresso. A exposição do CCBB traz um dos quadros do falso repórter, que chegou a transmitir entrevistas antológicas em redes como Manchete, Record, Gazeta e SBT. "O brasileiro tem uma adesão à tecnologia, isso está em vários estudos, que é totalmente acima da média. Sempre no pódio quando o assunto é rede social, lançar moda, inventar expressões novas, trendings, invadir a conta dos outros e isso vem da nossa cultura. Somos pessoas sociáveis e temos essa desfazecem em relação às ferramentas", avalia. Uma série de atividades para público de todas as idades também fazem parte da programação, que tem início hoje com a oficina Tatuagem de chicle, da baiana Malfeitora. Produtora de conteúdo desde os 14 anos, a multiartista

H e -
l e n
F e r -
n a n -
des, ou a
Malfei-
tona, en-
cara a in-
ternet como
um mundo
diverso que
abraçou a
tradição oral
brasileira com
um humor ex-
pressivo e satí-
rico. A vocação
para o meme é
uma prova disso.

No Brasil, expli-
ca Malfeitora, o
meme se tornou um
dispositivo cultural. "É
um dispositivo de
expressão política, de
comunicação, muito im-
portante por diversos
fatores. O Brasil é um país
de muita tradição oral, de
pessoas muito expressivas,
é um país muito satírico",
explica. "E, materialmente
falando, o meme é uma
informação de dado le-
ve, a imagem não preci-
sa ter um tamanho gran-
de, não precisa ter uma internet
excelente, não precisa ter um celular
com um processamento excelente para vo-
cê conseguir processar." Essa característica
ajuda a popularizar esse tipo de informação.

Os memes produzidos por Malfeitora
estão na exposição *MEME: no Brasil da
memeficação*, que ocupa o CCBB com
conteúdo de humor produzido para o
meio digital no Brasil nos últimos 30
anos. A artista lembra que a facilidade
de acesso a esse tipo de humor tem vár-
ios aspectos, começando pelo fato de
que nem todos têm disponível uma in-
ternet de alta velocidade ou um pacote



O CCBB reúne uma coleção de memes: verve nacional nas redes

Divulgação



Histórias populares viram meme com a maior facilidade



de dados robustos. O aspecto democrático é importante no mundo dos memes. "Isso é muito relevante no contexto brasileiro. Você tem um tipo de informação que circula rápido e isso ajuda a se tornar tão popular", diz.

Outro aspecto é o da linguagem, construída para eliminar barreiras e facilitar a comunicação. "O meme é um tipo de linguagem que coloca menos barreiras em relação à escolaridade, por exemplo, em relação ao nicho em que se vive. Óbvio que tem a faixa etária, classe social, estilo, se a pessoa é mais alternativa, se a pessoa é heterotop. Óbvio que as coisas vão fazer mais sentido quando é mais específico mas, de forma geral, aquela máxima de uma imagem vale mais do que 1.000 palavras também se aplica aos memes e consegue se comunicar muito bem assim", diz a artista, que encara redes sociais como uma espécie de espaço de lazer. Para Malfeitora, o gosto do brasileiro pelos memes tem mais uma explicação: é um povo que gosta de rir da própria desgraça. "O brasileiro é bem ligeiro, gosta de humor, é meio ácido, é crítico, apesar do que se fala. E gosta de reclamar e apontar o dedo no que está errado, mas sabe ser leve também. Mesmo sendo crítico", garante.

Durante a oficina Tatuagem de chicle, Malfeitora, que também é tatuadora, vai levar os participantes a explorarem a criação de desenhos simples e carregados de humor que serão transformados em tatuagens temporárias. A artista pretende, assim, resgatar a memória afetiva das tatuagens temporárias que acompanhavam algumas marcas de chicles nos anos 1980. Hoje, ela participa ainda do bate-papo Você não está pronto para essa conversa, com a artista brasileira Pamela Anderson e o pesquisador Viktor Chagas, professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense.

Coordenador do #MUSEU-
deMEMES e autor das coletâ-
neas *A Cultura*



ENTREVISTA // MARCELO TAS

Qual o lugar do meme no humor brasileiro?

O lugar do meme é saúde mental. Esse é o departamento do meme. É algo que pode nos ajudar a olhar para esse mundo torto com uma lente paradoxalmente e igualmente torta. Essa é minha pequena teoria do humor: é uma lente torta e, como o mundo é torto, muitas vezes ele consegue traduzir com mais precisão do que a lógica, a ciência, as pessoas que têm bom senso. Às vezes, o humorista consegue coisas que, para as outras áreas, é mais difícil. Um meme é uma partícula disso.

Como é para você olhar para Ernesto Varella hoje? Ele envelheceu bem?

O fato de estar numa mostra dessa qualidade de me deixar com uma vontade de achar que o Varella ainda é muito atual, para o bem e para o mal. É mesmo. É um personagem que tem uma característica que é quase ao contrário da era que a gente vive. Ele é ingênuo, ele faz perguntas muito simples, de criança. E, talvez por isso, são perguntas difíceis, até hoje ainda não respondidas. Consigo ver muito o Varella no Congresso hoje. Creio que essa forma de fazer humor se caracteriza por duas coisas: primeiro, o uso de tecnologia. É difícil hoje alguém olhar para ele e entender que as câmeras que a gente usava pesavam 13 quilos. E a gente entra

como se estivesse com smartphone na mão, de maneira muito orgânica, colada no corpo. E os temas do Varella sempre foram muito ousados, espinhosos. E essa é uma característica do humor hoje, nas redes, do humor digital. E a diversidade que existe hoje entre os humoristas me enche o coração de alegria. Você tem desde o João Pimenta, um cara que é um humorista que respeito demais e que independentemente da tevê, criou sua forma de fazer humor até podcasts, o medo e delírio em Brasília. Tem um drive de usar tecnologia para quebrar em pedaços e realidade e criar uma narrativa aqui. Por mais absurdade que seja muitas vezes é mais próxima da realidade do que um editorial sério, que também é muito relevante. Esse jeito de humorista consegue mesmo traduzir o noticiário e comentar de uma forma precisa. E o que é mais bacana é que é imprecisa. É imprecisa já a partir de um pacto com o público, o público do humor sabe que vai receber uma coisa que é imprecisa, é uma brincadeira, é uma arte, um redescenso da realidade. E se esquece disso e muitas vezes está ali debatendo a realidade e comentando os fatos traduzidos por humoristas. Não só no Brasil, nos EUA a gente vê agora nessa crise os humoristas traduzindo essa crise, e juntos com os jornalistas, o Varella nasceu muito nesse ambiente, é um jornalista falso,

já se autodenuncia de cara, e ganhou uma adesão inclusiva no meio jornalístico. Sempre procurei trabalhar junto, entender. E essa peça que está em Brasília curiosamente é uma peça polêmica que não foi ao ar. Nasceu dentro dessa mistura de jornalismo e humor. E está numa mostra de arte, acho isso revelador do estágio muito criativo que a gente tá.

Na época do Ernesto Varella era mais difícil fazer esse humor de circulação rápida, imediata?

Pra mim, o que muda é o contexto, a velocidade, a maneira como a gente produz e como distribuímos. Antes, para distribuir, tinha que ralar muito com meus amigos para ter a confiança de uma TV que colocasse no ar. Essa é a grande diferença. Hoje tem a distribuição explosiva, o que melhora bastante para quem quer se arriscar, mas, ao

TATUAGEM DE CHICLE

Oficina ministrada por Malfeitora. Hoje, às 15h, na Galeria 4 do CCBB. Entrada gratuita, mediante retirada de ingresso no site bb.com.br/cultura e na bilheteria física do CCBB Brasília. Não recomendado para menores de 14 anos.

VOCÊS NÃO ESTÃO PRONTOS PARA ESSA CONVERSA

Bate-papo com Malfeitora, Pamela Anderson e Viktor Chagas. Hoje, às 17h30, na Galeria 4 do CCBB. Entrada gratuita, mediante retirada de ingresso no site bb.com.br/cultura e na bilheteria física do CCBB Brasília. Classificação: indicativa livre

MONTE O SEU MEME

Oficina ministrada por Pamela Anderson. Amanhã, às 15h, na Galeria 4 do CCBB. Entrada gratuita, mediante retirada de ingresso no site bb.com.br/cultura e na bilheteria física do CCBB Brasília. Classificação: indicativa livre

mesmo tempo, cria uma gigantesca demanda, uma competição enorme para ser reconhecido e chegar nas pessoas. Havia uma dificuldade mecânica, precisava de uma TV pra colocar no ar, correr de um arranjo, uma coisa até política, ideológica. Hoje você tem muitos canais e até a falsa ilusão de que é dono do seu canal.

Qual a maior característica do humor brasileiro?

A gambiarra. O humor brasileiro olha a partir das nossas deficiências. Partimos sempre dessa condição de ser o único país da América do Sul que fala português, um país estranho, maravilhoso e, ao mesmo tempo, injusto, violento. É muita contradição. O Brasil é um país de humoristas porque é abundante demais em contradições, burriscas, em figuras estúpidas no poder. É uma forma de defesa o humor, ao tentar traduzir essa indignação, essa aflição que, às vezes, dá na gente. Você procura traduzir de um jeito que transforma talvez esse sofrimento e devolve para quem está causando sofrimento.

RENAZO NASCIMENTO